

## A ÉTICA MATERIALISTA E A SABEDORIA DO DESESPERO EM SPONVILLE

Geovani Paulino Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho versa sobre a problemática ética presente na filosofia de Sponville que resulta numa concepção sobre o conceito de desespero a partir de um fundamento materialista que pretende estipular-se como base para o pensar ético constituindo-se como uma sabedoria para o nosso tempo. Sua análise nos apresenta um período marcado pelo cansaço e decepção fruto de uma vivência pautada na esperança que se postava como consolo dos infortúnios e desânimo perante a tragicidade da vida. Tendo ficado preso as ilusões e esperado por elas, tais indivíduos passavam pela vida e não conseguiam serem felizes. Todo homem deseja ser feliz. Essa é sua compreensão. E porque não é? Simplesmente porque espera ser e quando se espera, dificilmente será. Tomaremos como obra fundamental para desenvolver nossa argumentação a obra; *Tratado do Desespero e da Beatitude* em que temos a ênfase sobre a concepção de desespero como sabedoria e afirmação do tempo presente. Mas, também tomaremos outras obras, quando necessário, para melhor anunciar e evidenciar a estrutura de seu pensamento consoante a nossa temática. Portanto, o que pretende é demonstrar e ratificar, a partir de seu pensamento, é a importância da filosofia como base para uma formulação reflexiva que nos assegure a felicidade e uma vivência ética no momento presente.

**Palavras-chave:** Desespero. Materialismo. Ética.

**Abstract:** This paper deals with the ethical issue presents in Sponville's philosophy that results in a conception about the concept of despair from a materialistic foundation that aims to stipulate itself as a basis for ethical thinking which is constituted as wisdom for our time. His analysis presents us a period marked by the weariness and disappointment fruit of an experience based on the hope which had been posted as a solace of misfortunes and encouragement in face of the tragicity of life. After they have been trapped by the illusions and waited for them, these individuals passed through the life and could not be happy. Every man wishes to be happy. This is his understanding. And why not? Simply because the man expects to be and when he expects, he hardly will be. We will take the Treatise of Despair and Happiness as fundamental work to develop our argument. In this work, we have the emphasis about the conception of despair as wisdom and affirmation of the present time. But we will also take other works, when necessary, to better advertize and evince the structure of Sponville's thought according to our theme. Thus, what we intend is to demonstrate and ratify from his thinking, the importance of philosophy as the basis for a reflective formulation to ensure us the happiness and ethical living in the present moment.

**Keywords:** Despair. Materialism. Ethics

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professor substituto do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E do Curso de Nutrição e Teologia das Faculdades INTA. E-mail: dostoevski10@bol.com.br

## **Introdução**

O presente texto tem como objetivo apresentar, de forma sucinta, o pensamento ético do filósofo Francês André Comte-Sponville – que se denomina como um pensador materialista ateu – esboçando a sua compreensão contemporânea sobre os principais dilemas vivenciados pela humanidade perante a crise de valores éticos, morais e até mesmo religiosos atrelados às derrocadas das instituições que sustentavam uma possível ideia de moral. O que se pretende, de forma simples, com este texto é analisar o pensamento filosófico deste pensador que traz mais uma – dentre todas as reflexões sobre a ética na contemporaneidade – reflexão para tentar nortear o agir humano perante tais dilemas já anunciados acima. O método para atingir o nosso objetivo é expor o seu pensamento a começar pela investigação que o mesmo realiza do momento histórico. Em seguida, uma exposição das bases de seu pensamento e a finalidade de sua filosofia mediante tal cenário. Portanto, essa apresentação seguirá tal ordem para tentar oferecer uma compreensão mais direta de sua reflexão e de como este faz uso da filosofia para desvencilhar-se da tragicidade da vida.

## **A ÉTICA MATERIALISTA OU SABEDORIA DO DESESPERO: para uma afirmação da existência**

Diante da perenidade, das incertezas e do absurdo inserido na condição do existir, como também a ratificação da morte de Deus por parte dos muitos seguimentos sociais e intelectuais surge à pergunta: o que podemos e o que se deve fazer? Essa pergunta em Sponville é a exteriorização de suas próprias angústias perante a fragilidade do homem e a derrocada de seu ideal, a saber: a felicidade. A resultante disso poderá conduzir o indivíduo à ratificação do egoísmo, pois o homem *tende* a se fechar em si mesmo, isto é, a seu mundo, pois não encontra um fundamento para sustentar a dimensão justa de sua ação, pois em seu entendimento, nada garante que o outro será justo com ele quando precisar. Essa descrença perante a ação justa do outro conduz muitos indivíduos a exercerem uma mentalidade que rompe com ideias tão necessários e valiosos para a constituição do próprio indivíduo em sociedade. Entramos assim, numa conjectura individualista que rompe com dimensões humanistas tão necessárias para a dimensão moral e ética da sociedade como um todo. Por isso o cansaço, a decepção e podemos dizer mais: a frustração diante o dirimir de suas expectativas, pois como o mesmo argumenta:

Nosso tempo seria o tempo do desespero. A morte de Deus, o perecimento das igrejas, o fim das ideologias... mas, vejo nisso muito mais uma obra do cansaço. Por estarem decepcionados, creem-se desesperados... mas, se estivessem de fato desesperados, não estariam decepcionados. Nosso tempo não é o do desespero, mas o do desapontamento. Vivemos o tempo da decepção. (SPONVILLE. 2006, p, 7)

Percebe-se, então, como ele identifica e anuncia o nosso tempo como o tempo da decepção, do cansaço e ainda, o tempo do perecimento daquilo que poderia oferecer um fundamento para a moral: a igreja e as ideologias. Mediante a isto, tal estado anuncia o tempo da fragmentação e do niilismo, haja vista, - para muitos- os deuses estarem mortos e a moral não mais ter um sentido fundamental e norteador da ação humana. Parece que em tal sociedade concretizou-se a máxima de que os fins justificam os meios. Nisso o caos e os conflitos existenciais visíveis no caminhar sem direcionamento das pessoas num mundo de sombras. Mediante a tais situações, entende Sponville que se faz necessário reconstruir uma sabedoria de vida que possa vir em apoio aos problemas cotidianos. Portanto, sua tese aparece a partir da anunciação de uma lógica trágica; a decepção é fruto do cansaço e este é fruto de uma vida sustentada por esperanças – o homem vive sobre o jugo da esperança e nela constrói todo ideal existencial – e, essa, só perpetua a infelicidade, pois afasta o indivíduo do tempo presente, isto é do agora, em que tal situação cria neste mesmo indivíduo uma demência de depender sempre do dia posterior para justificar o fracasso do dia atual - no sentido de sua não realização. Amanhã será melhor, mas sempre o amanhã será o próprio amanhã de vários outros. E assim nunca nos realizamos.

O foco de todo o problema é, assim, diagnosticado: o fator desse cansaço é a esperança. Percebamos que sua compreensão da sociedade contemporânea se baseia numa sociedade do cansaço devido a esta longa espera pela felicidade. O século das luzes, todo aparato científico, a religião, a política, a arte não foram suficientes e não cumpriram suas promessas de garantir ao homem a felicidade e muito menos, como se previa, o esclarecimento. E a cada decepção, só lhes restava esperar ou suportar os infortúnios presentes em função de um *telus* escatológico. Isto é, resta a este indivíduo esperar pelo dia seguinte, pois este irá ser melhor. Assim sendo, o vazio das ações humanas, justamente, demonstra o vazio de seus agentes. A não credibilidade na bondade do outro. Isso é bem visto na política a ponto de muitos dizerem que todo político rouba, pois são corruptos. Sabe-se de uma possível exceção. Como ser bom se ninguém é bom. Como devolver aquilo que foi achado já que esta máxima não se aplica ao outro. Tal mentalidade vivenciada cotidianamente esboça o cenário caótico que vivenciamos de valores humanos. É aqui que surge a

necessidade de um fundamento para poder significar a ação, pois vulgarmente o que se anuncia é uma sociedade desesperada.

Mas, segundo Sponville, não estão desesperados, pois se estivessem não estariam tão infelizes. É aqui, que podemos situar a sua reflexão com a ideia de desespero, não como o conhecemos, mas como o budismo o conhece, isto é, como saúde da alma: *“Apenas é feliz quem perdeu toda esperança; a esperança é a maior tortura que existe, e o desespero, a maior felicidade”* (SPONVILLE. 2008, p, 29-20). Dessa forma, Sponville pretende oferecer como sabedoria o desespero, que consiste na não-esperança (Des-espero), que conduz a uma vivência lúcida e reflexiva sobre a realidade do mundo para daí fundamentar um estado ético que lhe garanta a felicidade. Por isso, a pedra de toque de sua filosofia, ou, o que poderíamos chamar de centralidade do seu pensamento é pensar uma sabedoria do desespero, ou uma felicidade desesperada. Essa é, por excelência, a finalidade de sua filosofia em meio à conjectura social e política que se encontra tal sociedade.

Portanto, a preocupação com a análise de seu tempo e a busca por uma orientação que possa garantir ao pensar, uma forma de saber prático que possa assegurar ao homem alcançar este estado tão desejado por sua alma, a felicidade, é o propósito que o mesmo se impõe. Nisso a esperança aparece como a grande vilã da história e a prisão do próprio desejo da felicidade e a grande responsável pela degradação da subjetividade. Eis então que em sua reflexão a dimensão da felicidade é colocada como um bem maior que todo indivíduo busca e por não entender e saber como chegar a tal ideal permanece preso a vários labirintos<sup>2</sup>.

Mas é justamente por existir este desejo que os homens vivem a partir das esperanças e mergulham nas ilusões de seus próprios desejos não realizados, por isso sofrem e como não conseguem realizar seus desejos resta-lhes as esperanças que são como fármaco a toda desilusão causada a seu ego. Dialética do sofrimento. A saída é libertar-se de toda ideia fundamentada na esperança que é imposta como forma de escapar do trágico. Tal fantasia escamoteia uma moral de pura decadência no sentido de negar a existência em função de um idealismo que não sacia o desejo humano de realização enquanto um ser de relações e, acima de tudo, temporal, no sentido de ser finito. Não é por menos que em sua concepção o seu materialismo é uma força em meio ao trágico,

O materialismo é um pensamento trágico, para o qual o que tem mais valor (a vida, o espírito) é justamente o que vai morrer. (...) o que posso esperar? Nada além da morte, logo nada absoluto: ‘todo contentamento dos mortais é

---

<sup>2</sup> Não é por menos que tanto no *Tratado do Desespero e da Beatitude* como também, no *Viver* Sponville resolvi intitula-los de labirintos. Daí pois, encontramos a seguinte sequencia: labirintos do Eu, da arte e da política. Na obra viver temos mais dois. São eles: labirintos da moral e por fim dos sentidos.

mortal', e a vida só vale, se é que vale, em sua finitude. (Sponville, Ferry. 1999, p 34)

Ainda sobre a esperança, e em consonância com a referida citação, podemos afirmar que uma de suas funções é fazer do homem um ser preso a um ciclo de repetições de sofrimento, é como Sísifo que nunca deixa de subir e descer uma montanha reafirmando a cada momento o seu castigo preso a uma lógica infundável do sofrimento. Mas, o que mais desatina a consciência é que na verdade o nosso rochedo acaba sendo a própria desilusão os o fardo do fracasso que se carrega em meio à busca de realizações malogradas quase sempre. Neste sentido,

não há rochedo, ou apenas rochedo imaginário. Lucrécio percebeu-o bem: o rochedo é a própria esperança, e o temor. Um não anda sem o outro, e o que empurramos à nossa frente sempre acaba caindo. Isso é que é absurdo, e triste, e trágico: o peso sempre de nossos desejos insatisfeitos e de nossos temores vãos. (SPONVILLE. 2006, p 28)

Creio que o leitor já percebeu o direcionamento – e a crítica – de seu pensamento. É realmente a esperança uma ilusão, um rochedo que carregamos como fardo nessa vida e é este fardo que o mesmo quer, ou melhor, pretende eliminar com sua filosofia. A saída seria, ou dar sentido a esse labor, ou fazer como Ícaro; alçar voo para fugir dos labirintos. Aqui está a relação do mito de Ícaro com o *Tratado do Desespero e da Beatitude*. Por isso que em sua primeira intenção tal obra deveria ser o *Mito de Ícaro*. Mas vejamos, em seu entendimento não há saída desse labirinto chamado esperança, a não ser pela ideia materialista que é a desilusão que resulta numa lucidez perante a vida e nos proporciona a felicidade. Assim sendo, diz Sponville: “*O que aprecio no materialismo é, antes de mais nada, esse desespero. Não crer em nada. Considerar a natureza sem acréscimo estranho: a natureza indiferente, sem esperanças nem temores*”. Diz ainda: “*A esperança é um ópio*.” (SPONVILLE., 2006, p,18) E aqui se anuncia a força do materialismo no sentido do não fundamento transcendente tão costumeiro na moral tradicional. A ação pela ação é a base de tal materialismo que impele o agir pelo simples agir. Aqui o humanismo é enriquecido de um valor em si mesmo, pois não se busca recompensas nas ações, isto é, a ação parte de um pressuposto desinteressado. O céu não fundamenta a ação a não ser que este seja uma realidade para o momento presente.

Por fim, para sintetizar aqui essa problemática, seu pensamento terá como finalidade livrar-se de toda esperança e de toda ilusão que circunda a ação humana causando, neste, temor e perpetuando seu estado de infelicidade, pois, segundo, Sponville todo problema contemporâneo da crise que o homem enfrenta em sua subjetividade, em outras palavras, o

problema da infelicidade humana consiste e reside numa vivência alicerçada a partir de uma falsa moral religiosa ou ideológica que tem como meta a esperança. Pedagogia da dominação, da ilusão, enfim da alienação que são fincadas – de forma muitas vezes fundamentalista – no pensamento por meio do processo de globalização que insere ao homem os seus próprios mecanismos de escravidão – o caminhar é feito de passos trôpegos e o direcionamento fica a esmos.

Mediante a isto, o problema central em nosso entendimento, para dizer de forma resumida é; o homem não é feliz porque depende da esperança, tanto para suportar os momentos presentes – fugindo ao futuro – como para saciar seu infortúnio e seus fracassos. Nisso é que a esperança se denota como aquela que distancia o homem da felicidade e que devido a não realizar suas esperanças se sentem abandonados por Deus ou como um ser fraco – impotentes – diante dos problemas<sup>3</sup>. Por isso, a dependência das coisas do além. O fundamento de tudo sempre esta em outro mundo e com os olhos neste mundo é inevitável que se esqueça do verdadeiro, isto é, do mundo real.

Esta forma de moral lança o homem a não se preocupar com sua realidade, pois Deus mudará tudo e no futuro tudo será melhor. A figura simbólica de Jó sustenta tal ideal. Talvez aqui se fundamente a crítica de Feuerbach e que mais tarde Marx iria ratificar, a saber: Deus é uma projeção humana. Portanto a necessidade de uma postura diferente do pensar como enfrentamento a este mal viver. Nisso a postura do sábio como aquele que não mais espera e por isso a necessidade da filosofia como uma forma de garantir ao homem um pensar que lhe ajude a viver de forma sábia; *pensar sua vida, portanto, e viver seu pensamento: prazer e grandeza da filosofia*” (SPONVILLE. 2001, p 398)

Então, resta a filosofia o papel de conduzir o homem à felicidade, ou a um grau maior de realização. Pois todas as promessas de emancipação, de maioria, de esclarecimento, de liberdade e enfim de realização foram somente sonhos e palavras soltas. Portanto sua filosofia terá função de direcionar o homem à felicidade e este é o sentido maior que o mesmo emprega a filosofia. E o conteúdo visa à própria dimensão da ética. Ou seja, uma prática e uma sabedoria de vida libertada de toda ilusão. Filosofia da desilusão, ou como queira filosofia do Desespero e ética materialista. Pois:

---

<sup>3</sup> De certa forma, Sponville faz uma leitura da fragilidade psicológica que se encontra o homem contemporâneo em relação as circunstância que a existência lhe apresenta mediante a uma dependência de tutores que lhes possam oferecer orientações. Ora, tal situação é bem propicia para a alienação e a imposição midiática que os meios de comunicação exercem em tal sociedade criando seus ídolos que são como o bezerro de ouro que não ouvia aos apelos dos homens.

É imperativo suportar o presente e preparar as decepções por vir... Assim, a tristeza gera tristeza, e os consolos de hoje preparam as decepções de amanhã. Cada nova esperança só existe para tornar suportável a não realização das esperanças precedentes, e essa fuga perpetua em direção ao futuro é a única coisa que nos consola do presente (SPONVILLE. 2006, p, 7)

Ora, o que se pretende é chegar a uma prática e uma forma sábia para se viver nos dias de hoje, pois a fuga da realidade para esperar um dia perfeito é ilusão e, a modos nietzschianos, uma decadência mediante a uma postura que tenta rebanhar os indivíduos a partir de uma instrumentalização da razão. Este dia não existe e não virá. Assim sendo, repete o ciclo de simulacros da satisfação, nunca vivendo o momento, mas sempre preso ao futuro, mergulhando num estado de angústia, a procura de satisfação dos seus desejos insaciados. Tal ação é inerente à própria condição humana que deseja ser feliz. Logo, o que propõe Sponville com sua ética materialista é uma ação despreendida de qualquer fundamento que não seja o de construir uma ação ética sem ter em vista o medo ou o interesse – como os das promessas escatológicas, e a ânsia de paraíso. Extirpar o agir em função de um bem para si, e fazer da ação moral, um ato autônomo visando apenas à ação por si mesma. Eis, então, a Ética do Desespero e da Beatitude. O sábio é feliz porque não mais deseja e não mais espera e por isso não age em função de recompensa, e agindo desta maneira o sábio é completamente desesperado já que não tem mais nada a esperar.

Tal palavra soa muito forte para alguns, mas o sentido atribuído à palavra desespero não é o que entendia Kierkegaard<sup>4</sup>: como doença da alma, mas sim como saúde da alma – como já foi citado acima – e cito as palavras de Sponville para definir a sua concepção de desespero. “*O desespero, o que chamo de desespero, não pode ser nada mais, então, nesse extremo em que ele se inverte, do que aquilo que Spinoza dava o nome de beatitude*” (SPONVILLE. 2001, p, 34). Sua intenção é pensar a relação de desespero com a de beatitude, por isso o título de seu *Tratado do Desespero e da Beatitude*. Logo, o pano de fundo dessa ideia de desespero consiste numa compreensão materialista do mundo, no sentido de que a matéria é o fundamento de toda existência, e nada existe além dela mesma. E por isso que a esperança se faz como desnecessária, pois esperar o que além da própria vida que já temos. Enquanto se espera ser feliz é porque não se é feliz. Lógica da contradição: esperar ser e não ser.

---

<sup>4</sup> Se bem, que neste ponto poderíamos realizar uma discussão da interpretação que o próprio Sponville faz de Kierkegaard e do sentido de desespero em relação a condição ética da existência.



## **DE EPICURO A SPINOZA: para uma fundamentação da concepção materialista**

A felicidade consiste na verdade e a verdade é alcançada pela lucidez e enfrentamento da realidade e não por ideias de felicidades: *“trata-se de pensar não o que me torna feliz, mas o que me parece verdadeiro – e fica a meu encargo tentar encontrar, diante dessa verdade, seja ela triste ou angustiante, o Máximo de felicidade possível”* (SPONVILLE. 2001b, p.13) Percebe-se que Sponville critica aqueles que fogem da realidade e preferem se instalar numa pseudo-felicidade, pois são incapazes de enfrentar a realidade e compreender as dinâmicas do mundo. Por isso em sua compreensão, mas vale uma real felicidade que uma falsa alegria.

Aqui reside à força de seu pensamento que se distancia do consolo e do medo que busca a ação boa simplesmente por um temor de uma punição ou de um interesse qualquer: *“Deixem, deixem os pedagogos do vai tudo bem essa filosofia que tudo na prática da vida desmente”* e finaliza: *o materialismo é uma desilusão”* (SPONVILLE. 2006, p, 18) Para Sponville esse é a realidade, a saber: a matéria. Sem deuses, sem inferno e muito menos céu. Simplesmente o aqui, este tempo presente.

Com tais observações se pretende que se tenha em mente que não existe outro mundo se não este em que estamos inseridos e que toda recompensa das ações praticadas seja adquirida e vivenciadas neste mundo e não em função de outro mundo. A ação moral deve estar desprovida de interesse dos quais não sejam a vivência ética e sua sociabilidade. Portanto, é aqui que o sábio do Jardim, Epicuro é assumido por Sponville como um filósofo fundamental dentro da sistematização de seu pensamento que intenta oferecer uma conduta ou, como queira, uma sabedoria aos tempos de crise dos quais estamos vivenciando. Dentro deste intuito, fazer com que se perceba a importância da junção entre o pensar e o próprio agir.

Ora, este via em Epicuro uma coerência entre seu pensamento, sua fala e sua vida. Essa estrutura é a própria metodologia do pensamento de Epicuro, a saber: a física (o fundamento do mundo) a retórica (a arte de falar desse fundamento) a ética (a vivência prática desse pensar). A física epicurista, tendo como última instância de sua averiguação sobre o mundo a ética parece ter causado em Sponville um deslumbramento. Ademais, é a partir dessa forma de ver o mundo – desse fundamento – que Epicuro sustenta uma prática de vida coerente com o seu pensamento, haja vista que, pensar a vida e viver seu pensamento se constitui como uma base coerente e sólida para a ética. Portanto, o materialismo hedonista de Epicuro irá de início nortear seu pensamento em função de encontrar uma forma sábia de vida



para a contemporaneidade que nos proporcione fugir de todo temor ou da dialética do descontentamento.

Assim, como seu mestre Marcel Conche, esse vê na sabedoria helênica uma solução para o enfrentamento dos problemas na atualidade. O que se deve perceber é o ideal de sabedoria grega que vem a ser atualizada a realidade dos homens presentes. E aqui Sponville já entende que se tem um problema em tal intuito. O homem e a sociedade não é a mesma da época de Epicuro. É justamente por isso que há a necessidade de uma leitura bastante cautelosa e criteriosa de nosso tempo para que se possa trazer tal forma de vivência para adaptar as questões morais, políticas e religiosas do homem na contemporaneidade. Ou seja, por mais que Ele fundamente sua filosofia em Epicuro, mas a sabedoria do jardim é muito elevada ao homem de nossa atualidade. Com isso não há um fundamentalismo de trazer tal e qual o pensamento de Epicuro ao mundo contemporâneo, mas tentar ver nesta postura de vida uma fórmula bastante significativa que ofereça algumas respostas e com isso, mecanismo para enfrentar as situações adversas presente em nosso cotidiano.

Dando um passo à frente no percurso da própria história da filosofia, ele ver que tal forma de pensar se assemelha com o pensamento de Spinoza, haja vista que, seu conceito de desespero vem a ser pensado em similitude a ideia de beatitude Spinozana. A ideia do sábio não ter temor nem esperança, leva Sponville a concluir que o sábio é desesperado, ou seja, não espera porque já é realizado em si mesmo. Porém, deve-se ter cuidado, pois é sabido que a ideia de sábio é um ideal, pois para Spinoza o prêmio da beatitude é a própria beatitude. Com isso o próprio caminhar já se justifica como sabedoria. Vejamos como ele descreve sua relação com Spinoza:

Foi assim que para mim tudo começou... se não há esperança sem temor nem temor sem esperança, deve-se concluir que o sábio, de acordo com Spinoza não espera nada. A sabedoria é a serenidade e ausência de temor... Já que não há esperança sem temor, se o sábio não tem temor é que não tem esperança.” (SPONVILLE. 2001, p 68) e finaliza: “foi no que acreditei ter compreendido ao ler longamente Spinoza, e que acredito.” (SPONVILLE. 2006, p, 135)

Portanto, fica elencado onde Sponville vai buscar elementos para sustentar as bases de seu pensamento tendo como intencionalidade sintetizar o que há de precioso nestas filosofias para constituir uma sabedoria para o nosso tempo. Haveria de se colocar aqui, também, pensadores como Lucrécio, Montaigne e Althusser, mas nos limitemos a estes dois que entendemos resumir as bases de seu pensamento, ou seja: Epicuro e Spinoza.

Ratificando seu interesse com a filosofia, dizemos que esta tem a função de conduzir o homem a uma sabedoria de vida, ou como queira, a uma sabedoria prática. Somente por intermédio dessa sabedoria o homem pode desvencilhar-se das decepções e do ciclo da infelicidade<sup>5</sup> para chegar a potencializar o próprio viver. Sair do ciclo da esperança que sempre prepara a infelicidade por vir. Logo, todo o problema se insere que durante muito tempo se fundamentou toda a felicidade em esperanças nisso o cansaço, nisso o ciclo de infelicidade, pois:

Cada nova esperança só existe para tornar suportável a não-realização das esperanças precedentes, e essa fuga perpetua em direção ao futuro é a única coisa que nos consola do presente. Assim, nunca vivemos, mas esperamos viver... a esperança e a decepção, ambas, são filhas do mal viver, e indefinidamente o reproduzem. (SPONVILLE. 2006, p, 7)

Vemos assim a denúncia de uma vivência atrelada a uma dimensão que escapado o momento presente. Preferir a ignorância, no sentido de não enfrentar a realidade da vida e se prender a uma aposta se constitui como causa motriz do cansaço e do desapontamento. Com isso sua crítica se estende aquelas ideologias que aprisionam o homem numa ideia escatológica. Para Epicuro os homens deveriam perder seus medos e os primeiros seriam: o medo dos deuses e da morte. Tudo isso devido a outro medo; o do inferno. Não existe céu e muito menos inferno o que existe é somente este mundo ao qual pertencemos. Seu pensamento é fincado no tempo presente e na realidade da própria vida. Portanto, a lucidez e o enfrentamento da própria condição existencial é, também, o desafio de sua filosofia. Cito aqui suas palavras: *“A sabedoria não é outra vida, mas a vida mesma, tal como é: é o real de viver, conhecido e aceito em verdade”* (SPONVILLE. 2008, p, 356). Não há saída fácil desse ciclo de infelicidade a não ser passando pelo mesmo. Portanto, o homem da atualidade precisa de sabedoria.

Portanto, de forma bem resumida, sem adentrarmos em outras questões que compõe seu pensamento, que nos demandariam mais tempo, aqui consiste o pensamento de Andre Comte-Sponville e sua ética materialista e sabedoria do desespero. Acrescentamos a este término a afirmação que: o seu pensamento tem por excelência a problemática ética, haja vista, sua finalidade é prática vivencial daquilo que é pensado. Filosofar de verdade para se viver de verdade. Esse lema é direcionado para a sua reflexão filosófica, pois, a filosofia só tem uma finalidade; levar o homem a felicidade. *É aqui que a filosofia pode ser útil. Ela pouco pode contra a infelicidade; pode muito para a felicidade. Porque nossa exigência de*

---

<sup>5</sup> E aqui podemos fazer uma relação de Sponville com Schopenhauer, pois a ideia de infelicidade aqui é bastante similar com a que encontramos em sua obra; *O Mundo Como Vontade e Representação*.

*homens não é viver, tão somente, ou não sofrer, mas ser feliz.*”(SPONVILLE. 2006, p, 9). Por isso ele vem reatar com o tempo em que a finalidade dos filósofos era a felicidade, ou a arte de se bem viver - *Carpe Dien*. Em síntese a sabedoria.

### **Considerações Finais**

Destarte, percebemos por meio deste artigo que a tentativa central de Sponville é oferecer uma reflexão a situação vivencial de nossa atualidade que, diante da crise ética se pergunta de forma mais intensa sobre o sentido da vida, ou seja, sobre o fundamento da sua ação no mundo. No mesmo ensejo busca oferecer uma sabedoria mais “prática” que esteja relacionada com o ideal humano. Por isso, destacamos seu pensamento em meio as correntes éticas de nossa contemporaneidade a ética do desespero de André Comte-Sponville que propõe ao homem um direcionamento ou uma resposta reflexiva, sensata e humana para sua conduta e sua ação moral em meio ao absurdo que presenciamos nos dias atuais, tais como: guerras, desigualdades sociais exorbitantes, corrupção, os problemas ecológicos etc. Por estarmos inseridos neste universo decadente é que se faz mister sermos sábios ou filósofos. Com isso a necessidade de filosofar de verdade. Por isso ele cita as palavras de Epicuro: *porque não precisamos parecer estar com boa saúde, mas estar de verdade*”( SPONVILLE. 2008, p 7) perante a toda essa problemática que sucumbi a vida, nasce a necessidade de uma sabedoria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SPONVILLE, André Comte-. *A Felicidade, Desesperadamente*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Capitalismo é Moral?: sobre algumas coisas ridículas e as tiranias do nosso tempo*. Trad. Eduardo Brandão. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Uma Educação Filosófica e Outros Artigos*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Tratado do Desespero e da Beatitude*. Trad. Eduardo Brandão. Revisão Técnica Luis Felipe Pondé. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Viver*. Trad. Eduardo Brandão. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SPONVILLE, André Comte-, FERRY, Luc. *A Sabedoria dos Modernos: dez questões para o nosso tempo*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.